



● Leitor crítico — Jovem Adulto

● Leitor crítico — 7ª e 8ª séries

● Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

LUIZ GALDINO

Saudade da vila

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Rosane Pamplona e Maria Terezinha Lopes

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

♦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

♦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

♦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

♦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▷ do mesmo autor;
- ▷ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▷ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



LUIZ GALDINO

Saudade da vila

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Luiz Galdino é paulista de Caçapava, Vale do Paraíba, de onde saiu aos dezoito anos. Foi para uma academia militar na certeza de que jamais seria militar. E, tão logo deixou a academia, veio para São Paulo, onde trabalhou como funcionário público. Apesar de formação em Artes, trabalhou sempre na área de Comunicação Social: Jornalismo e Publicidade. Sua experiência profissional mais longa foi na Publicidade, trabalhando em criação nas principais agências do País. Trabalhou no jornal *O Estado de S. Paulo* e atuou como professor em cursinhos no interior de São Paulo. A partir de 1979, começou a participar de antologias de premiados em diversos concursos literários do País. Conquistou, entre outros, o Prêmio Literário Nacional, do Instituto Nacional do Livro, Brasília; o Prêmio Nacional do Clube do Livro, São Paulo; e Prêmio Fernando Chinaglia, União Brasileira dos Escritores, Rio de Janeiro. Começou escrevendo para adultos. Seus primeiros livros: *Urutu cruzeiro* (contos) e *O príncipe da pedra verde* (romance).

Logo, porém, descobriu o público juvenil, no qual encontrou maior receptividade. Aqui também acumulou muitos prêmios; entre os principais, podemos destacar o Jabuti, com o livro *Terra sem males*, e o Prêmio João de Barro, com o *Saudade da Vila*. Ao todo foram mais de 20 prêmios e cerca de 40 títulos publicados, inclusive no México e nos Estados Unidos. Quatro títulos foram selecionados para o Catálogo Permanente da Biblioteca da Juventude de Munique, Alemanha, e para a Feira de Bolonha, Itália.

RESENHA

Filho de uma lavadeira, Benê acabou de se mudar com a mãe para o bairro dos patrões, gente rica. A mãe está contente em deixar a favela da Vila Eduvirge, mas o menino sente saudades dos amigos, dos companheiros de rua, das pipas e dos campeonatos de pião. O que mais deseja agora é conseguir amigos, já que nem escola pode frequentar, pois por ali só há escolas particulares. Passeando pelo bairro, vê três meninos com um carrinho de rolimã. Quer aproximar-se deles, mas fica com vergonha.

Só descobre que um deles se chama Beto. Volta para casa triste, e a mãe lhe diz que não vai ser fácil arranjar amigos por ali; *de qualquer modo, é melhor do que andar com malandro*, acrescenta ela. No outro dia, Benê vê os três meninos e chama Beto pelo nome. Os meninos estranham e começam a zombar dele. Benê não entende, a princípio. Os meninos contam piadas que mostram seus preconceitos e seu esnobismo e vão embora, deixando o menino a pensar que realmente sua mãe tem razão: não vai ser fácil arranjar amigos ali.

COMENTÁRIO SOBRE A OBRA

Um relato simples e tocante, que faz o leitor se sentir na pele do menino inocente, que ainda não percebeu a maldade do mundo, nem entende por que alguém possa ter como valores a cor da pele ou o tamanho da casa. Contribui para essa identificação personagem/leitor a linguagem, muito próxima do popular, bastante expressiva, e o discurso indireto livre; em certos momentos, o foco narrativo é deslocado para a primeira pessoa: narrador e protagonista tornam-se um só. Também as descrições sobre as brincadeiras de rua — pipa, pião — nos aproximam desse universo da infância ingênua, não contaminada por preconceitos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: racismo, brincadeiras de infância, amizade

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Artes

Temas transversais: Ética, Pluralidade cultural

Público-alvo: alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Faça um levantamento das brincadeiras de rua conhecidas pelos alunos. Pergunte se alguém sabe fazer pipa ou jogar pião.

2. Apresente o livro à classe. Peça a seus alunos que identifiquem os elementos que integram a composição da capa de Hélio de Almeida e que os classifiquem em dois grupos: os que são originalmente brinquedos (pião de madeira, bolinhas de gude) e os que não são (tampinhas de garrafa, barbante e botões). Verifique se eles conhecem os usos que tampinhas, barbante e botões tinham nas brincadeiras infantis, isto é, se sabem que os botões eram usados para jogar futebol de botões e que o barbante e as tampinhas eram utilizados no acabamento da fieira empregada para lançar o pião, como se pode observar na ilustração.

3. Proponha que relacionem a ilustração da capa ao título *Saudade da Vila*. É provável que infiram que o livro trata da saudade de uma vila em que a personagem viveu sua infância entre brincadeiras. É possível ainda que digam que isso aconteceu num tempo mais remoto, já que não se brincava com jogos de botões fabricados especialmente para este fim, por exemplo.

Durante a leitura

1. Antecipe que o personagem principal do livro chama-se Benê, garoto filho de uma lavadeira, que acabou de se mudar com a mãe para o bairro dos patrões dela, gente rica. Peça que acompanhem os sentimentos que ele experimenta com a mudança.

2. O autor usa alguns recursos de linguagem, como expressões populares, os jargões das brincadeiras de ruas, gírias e provérbios (*Sapo de fora não chia, Mijar pra trás, Não há mal que sempre dure, Ficar jururu, etc.*). Peça que leiam anotando algumas passagens em que isso ocorre.

3. Adiante-lhes que em certo momento o narrador muda de 3ª para 1ª pessoa. Peça que assinalem esse momento e que tentem perceber que efeito isso provoca.

Depois da leitura

♦ nas tramas do texto

1. Abra a discussão sobre o livro perguntando aos alunos que sentimentos despertou neles o comportamento dos meninos em relação a Benê.

2. Para Benê, importante era saber jogar pião ou consertar carrinhos de rolimã. Ele se sentia importante ou digno de ser amado por isso. Mas os meninos do novo bairro tinham outros valores. Retome a leitura, verificando se os alunos perceberam isso. Peça-lhes sua opinião: quais são as qualidades que mais valorizam o ser humano?

3. *Eta, pião bom! O tal que dizia que era rei. Só farofa. Na cela, levou tanta ducada que perdeu a cabeça. Vadico teve que pregar uma tacha pra segurar a fieira.* Assim como essa, algumas passagens podem precisar de uma “tradução”. Verifique com os alunos.

4. O texto traz todo o linguajar — jargão — usado no jogo do pião. Proponha que montem um glossário com as palavras e expressões usadas pelo autor. Estenda a atividade, sugerindo que façam outros glossários com o linguajar usado em áreas específicas, do interesse deles. Por exemplo, no surfe, no futebol, no vôlei, etc.

5. Leiam em conjunto a seção Autor e Obra. Evidencie aos alunos como foi importante para o autor o seu contato com a leitura, especialmente a de Monteiro Lobato. Aproveite e apresente à classe as obras de Lobato para adultos. Leia um de seus contos, como: “Negrinha” ou “O jardineiro Timóteo”, em *Negrinha*, Editora Brasiliense.

♦ nas telas do cinema

Homens de honra conta a história verídica do primeiro oficial negro da Marinha dos Estados Unidos. São de arrepiar de indignação os preconceitos que ele tem de enfrentar, e é de se admirar a sua coragem e persistência. Com Robert de Niro e Cuba Gooding, dirigido por George Tillman e distribuído pela Fox.

♦ nos enredos do real

1. Na esteira da polêmica sobre o racismo levantada pela história de Benê, organize um seminário para uma ampla discussão sobre o assunto. Incumba um grupo de alunos de pesquisar a história do preconceito racial no País; outro grupo, de pesquisar os movimentos e leis anti-racismo; outro, de trazer artigos publicados em revistas que possam alimentar uma discussão sobre o assunto, e assim por diante.

Os sites abaixo certamente vão ajudar seus alunos na pesquisa:

www.quilombhoje.com.br

www.mundonegro.com.br

www.cidan.org.br

2. Releia com os alunos as regras do jogo de pião e promova um campeonato de pião ou de outro jogo. Se for possível, organize um dia de brincadeiras de rua tradicionais na escola: bolinhas de gude, figurinhas, pipa e o que mais os alunos conhecerem. A Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo mantém um site, www.fe.usp.br/laboratorios/labrimp/labrimp1.htm, no qual é possível encontrar um inventário de jogos e brincadeiras tradicionais que certamente vão animar a festa.

3. Convide os pais a ensinarem a classe a fazer pipas. Promova um campeonato ou apenas uma exposição de pipas; se não puder soltá-las na escola, estabeleça um prêmio para a mais bonita.

4. Benê tinha várias coleções: de tampinhas, de maços de cigarro. Pergunte aos alunos quem coleciona o quê. Organizem uma exposição para mostrar a todos essas coleções ou parte delas.

5. O livro *Saudade da Vila* denuncia a profunda diferença entre as classes sociais no Brasil, confirmada pelos dados da tabela abaixo:

	Rendimento médio mensal (R\$)	Taxa de analfabetismo (%)	Expectativa de vida (em anos)	Taxa de mortalidade infantil /mil	Proporção de pessoas de 7 a 14 anos que frequentam a escola (%)
Região Norte	236	10,6	65,5	43,3	84,9
Região Nordeste	158	27,3	62,7	68,6	86,0
Região Sudeste	366	7,9	67,6	31,8	93,6
Região Sul	325	7,9	68,8	29,0	93,0
Região Centro-Oeste	290	10,3	67,0	33,1	92,2

(Fonte: IBGE, 1996. <http://ibge.gov.br> – IBGE teen)

Para que percebam as enormes diferenças de qualidade de vida, conseqüentes da concentração de renda, solicite aos alunos que estabeleçam as relações existentes entre os índices constantes na tabela, nas diferentes regiões do País. Por exemplo: há relação entre rendimento e expectativa de

vida? E entre eles e a taxa de analfabetismo? E assim sucessivamente. Anote as conclusões na lousa.

A seguir, utilize essas conclusões para comparar cada região com as demais. Com base nos estudos realizados, solicite aos alunos que, em grupos, analisem a qualidade de vida dos personagens da história.

DICAS DE LEITURA

do mesmo autor

Café, suor e lágrimas — São Paulo, Moderna

O destino de Perseu — São Paulo, FTD

O Estado Novo — São Paulo, Ática

sobre o mesmo gênero ou assunto

Irmão negro — Walcyr Carrasco, São Paulo, Moderna

Doce Manuela — Júlio José Chiavenato, São Paulo, Moderna

O ciclo da soja — Fernando Vaz, São Paulo, Saraiva

leitura de desafio

Transplante de menina, de Tatiana Belinky, São Paulo, Moderna.

O livro relata, entre outros acontecimentos, situações de discriminação que marcaram a infância de Tatiana, ao ser “transplantada” da Rússia para o Brasil.